

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

6.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA	
	Braga, 12 mezes.	1\$600
	» 6 »	850
	Correspondencias partic. cada linha	40
	Annuncios cada linha.	20
	Repetição	10

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 750

BRAGA—QUINTA-FEIRA 14 DE FEVEREIRO DE 1876

«A Europa está armada até aos dentes», disse ha poucos dias um dos ministros britannicos no parlamento inglez.

«A Austria solicita um congresso Europeu para assentar os destinos da guerra da Russia», dizem varias folhas estrangeiras.

«Estabeleceu-se um armisticio entre os dois imperios belligerantes enquanto se não fizer a paz definitiva, cujos preliminares dependem da acceitação dos vencidos», noticia esta, que ninguém desmente.

Mas enquanto isto se diz, e se passa, a Russia aproxima-se de Constantinopla, que tem quasi bloqueada por todos os lados; occupa todas as praças que podiam servir-lhe de estorvo á conquista da capital otomana; prepara exercitos de reserva. A Grecia e o Montenegro continuam a sua marcha invasora, e guerreira, imitando o burro da fabula contra o leão moribundo. A Prussia prepara os seus exercitos, e a Inglaterra exige enormes subsidios pecuniarios para intervir nas questões de mão armada.

Qual será o resultado d'esta tragedia, e d'esta dança de espiritos malignos, que agitam e ameaçam o mundo?

A Russia cobria-se com a mascara de protectora dos christãos do Oriente, ligou-se com a Prussia e com a Austria, e transpoz o Danubio sem obstaculo; mas as ultimas circulares do cardeal Simioni aos nuncios existentes nas cortes da Europa, põem em evidencia a mentira d'aquella protecção e d'aquella peneira, com que a diplomacia moscovita tapou os olhos dos governos estrangeiros!

A Austria entrou no triumvirato de certo illudida; porque a Austria tem neste seculo de perseguições religiosas desen-

volvido o nobilissimo emprêgo de protectora dos opprimidos: as apparencias illudiram-na, e o segredo ficou, e está fechado nas mãos do grande autocrata, e do grande chanceller de Guithierme I. Pelas diligencias que actualmente faz para a reunião do congresso, como tribunal de ultima instancia para a decisão d'este negocio supremo, em que estão envolvidos os interesses das nações, é facil presumir que ella conhece o laço em que caiu.

Reunir-se-ha o preconizado congresso? Estará a Russia pelo que n'elle se decidirá?

E no caso contrario, entrará ella na guerra contra a Russia de accordo com a Inglaterra, e com a Italia!

Taes são, no meu modo de ver, as alternativas d'esta grande questão, algumas de cujas influencias perniciosas podem cá chegar.

Bismark é o genio mau, que o das trevas inspira, anima, e impelle contra a Igreja, e contra os christãos; é o percursor do anti-Christo: o autocrata não é menos intolerante, nem menos inimigo dos christãos: e a Polonia que o diga.

A annunciada protecção, que serviu de pretexto á guerra, bem depressa se converterá em dispor todo o Oriente para a sementeira do protestantismo, e dos scismas moscovitas, enquanto no Occidente giram emissarios espalhando biblias lutheras apregoando a palavra de Deus!

A Inglaterra não olha, nem encára a guerra pela sua verdadeira face; á uma, porque é protestante na sua maioria; e á outra porque a sua politica é o augmento dos seus interesses materiaes, e do seu poderio commercial; poderio que ella tem sabido estender, e firmar enfraquecendo as nações com as revoltas da politica, e com os manejos da maçonaria, do que ella tem a chave de Pausanias.

Se a Inglaterra se intrometer de mão

armada, achar-se-ha só, e será vencida.

A Austria não pôde auxiliar-a, porque a Prussia lh'o não consentirá: e a Italia, se entrar na contenda, ficará esmagada.

A Russia, e a Allemanha aspiram ao Imperio da Europa, e se o conseguirem, disputal-o-hão entre si, e esta guerra será a ultima do mundo, e da qual é preludio a que se está passando.

Só um meio ha para restituir, e assegurar a paz das nações, e dos povos; e ninguém está em melhores circumstancias de desenvolver-o, do que a Inglaterra.

Este meio consiste em propagar o christianismo em toda a pureza das suas doutrinas:

Sim: não será o protestantismo, nem as seitas, que decepem as cabeças da hydra revolucionaria, que traz as nações em desordem permanente, e que se ceva no sangue, e com as entranhas das victimas.

A historia dos oitenta e cinco annos decorridos depois da revolução franceza, deve abrir os olhos á diplomacia, aos diplomatas, aos politicos, aos philosophos, e aos povos.

Amar a Deus, e ao proximo como a nós mesmo, eis a panacea unica, com que se curam os males do mundo. Quem o duvida?

Só o diabo, porque assim lhe faz conta.

José de Freitas Amorim Barbosa.

GAZETILHA

Preces. — Começaram ante-hontem nas egréjas da cidade as preces publicas

pela eleição do novo Summo Pontifice, na conformidade das determinações do sr. arcebispo Primaz.

Missa.—O sr. padre Senna Freitas, tenciona celebrar, hoje por 9 horas da manhã, uma missa, em nome da Conferencia de S. Vicente de Paulo, pelo eterno descanso de S. Santidade Pio IX. Alguem se lembra de pedir ao sr. padre Senna Freitas que n'aquelle acto diga algumas palavras sobre o grande Pontifice.

Como é o primeiro oitavo dia anniversario, haverá absolvição e responsos.

Pede-se a assistencia de todos os socios e familias, assim como dos fieis.

Exequias por Sua Santidade.—A Associação Catholica, d'esta cidade, resolveu na sessão do dia 9 celebrar solemnes exequias pela alma do SS. Padre Pio IX, accetando qualquer offerecimento que para este fim seja feito.

Conferencia de S. Vicente de Paulo.—Todas as quartas-feiras, por 6 1/2 horas da tarde tem continuado as conferencias de S. Vicente de Paulo, em casa do seu digno presidente. A' de hontem assistiu o seu Director espirital.

Emollos.—Na noticia que sob esta epigrafe publicamos em o n.º anterior, demos d'algum modo a entender que a iniciativa do grande acto de caridade alli referido fôra só do ex.º sr. Rodrigues Valle, o que não é perfeitamente exacto. Com este cavalheiro associaram-se para aquelle fim os ex.ºs srs. conego Figueiredo e Fernando Castiço.

Esperamos que todos tres continuem na empreza que se propozeram, e que não só as pessoas que tem concorrido continuem igualmente, assim como mais algumas almas caritativas os auxiliem;

por ordem do meu socio, para as operações estranhas...

—Mas elle não tinha o direito de o fazer, exclamou o conde.

—Bem o sei, meu amigo; e porisso nunca vi rapaz mais honesto e mais admirado, quando lhe puz debaixo dos olhos este inventário... Eu já t'o disse, elle julgava exgotar-se n'um fundo inexgotavel. Por esse motivo caucionára por cem mil francos a conta d'um dos seus amigos em casa do nosso banqueiro, o qual amigo se lembrou de fallir quinze dias depois; arriscára duzentos mil francos n'um negocio que só deveria dar taes quaes resultados d'ahi a cinco, seis ou mais annos, se os desse algum dia; cem mil francos estavam dispersos em varias partes, sem fallar da sua conta absorvida trez ou quatro vezes pelas despesas pessoas d'elle.

—Mas visto isso, o teu socio era literalmente louco.

—Não, meu caro; era um rapaz encantador e estimavel, mas que via o commercio como outros veem a politica, illusoriamente.

—Que comparação impossivel vaes tu buscar!—disse o conde.

—Fallo por experiencia propria, porque eu tambem durante muito tempo vi a politica, do modo porque a vê todo o mundo.

—E agora encaral-a individualmente? Estou ancooso por te vêr chegar ao caminho de Damas, onde a luz feriu teus olhos.

(Cont. rna)

9

FOLHETIM

A. DU VELAY

O CONDE DE TREAZEK

ROMANCE.

Versão portugueza.

II

Um original.

—Entrei n'um negocio industrial importante, onde empenhei todo o patrimonio, que me tocou. O meu socio, filho d'um rico fabricante de vidro cuja fortuna se fizera na industria que nós continuavamos, devia occupar-se da parte commercial, aprovisionar as materias primas, vender os productos, e superintender na contabilidade. Eu, como chimico dirigia a fabrica e velava pela fabricação. Parecia pois serem bem iniciados os nossos negocios; bastava depois seguir as tradições e podiamos até lisongear-nos de os poder desenvolver, ajudados pela experiencia e sabios conselhos de nosso predecessor. Infelizmente o soccorro d'esta sabedoria veio a faltar-nos repentinamente. Como a maior parte dos negociantes

que creem poderem repouisar gosando do fructo do seu trabalho, aquelle achou na mudança de regime, que lhe dava o repouso, a causa d'uma morte subita. Deixára elle tomar a seu filho habito de luxo e dissipação, relevando-lhe todas as estroinices, não o obrigando ao estudo e á pratica dos negocios senão pela rama e «pro forma». O desgraçado mancebo ignorava inteiramente o preço do dinheiro que em nada contribuira a ganhar, e por morte de seu pre julgou-se á testa d'uma fortuna inexgotavel.

Era um bello rapaz, de humor jovial e coração aberto, não sabendo desconfiar de perdidias de que elle era incapaz.

E porisso fraco morador, desprovido das aptidões necessarias para as luctas do commercio, e sem defesa contra os engodos dos agentes de negocios. Por este motivo a fabrica era fornecida de productos que, ao mau grado e contra todas as manipulações chemicas, dava mais prejuizos que proveito. Mas era facil remediar este inconveniente; bastava eu proprio encarregar-me da acquisição de materias, e tomei este partido; d'oravante podia estar seguro das minhas operações.

No entretanto uma coisa me inquietava; as nossas operações faziam-se pouco regularmente; desde o começo nos viamos em difficuldades para os pagamentos, e ao fim d'alguns mezes d'exercicio sómente tinhamos aberto um credito importante no nosso banqueiro. Eu não podia explicar-me uma tal situação, que as nossas perdas provaveis mas com certeza insignificantes não bastavam a motivar. Ainda que pouco

versado no manejo dos capitales e das contas, resolvi-me a participar francamente ao meu socio o aspecto pouco lisongeiro, que me parecia apresentarem os nossos negocios.

Respondeu-me que eu estava louco; que as casas mais solidas podiam experimentar um abalo accidental; que talvez tivessemos equilibrado mal as nossas entradas e as saidas; mas que nós eramos bastante ricos para que nos inquietasse este detalhe, de que elle depois se occuparia no seu regresso de Paris aonde era obrigado a ir. Acendeu, rindo, um cigarro, bateu-me amigavelmente no hombro, e partiu com o ar mais despreocupado do mundo.

Emquanto a mim, fiquei tão pouco socegado que, aproveitando-me da sua ausencia, fechei-me no escriptorio, em o qual pedi explicações precisas sobre o estado da nossa caixa e sobre o emprego que se fizera do capital de fundação... Crel-o-has, meu caro?... O resultado d'este exame, foi que nós estavamos arruinados!...

Comparadas a sumula das nossas obrigações e as facturas ficava claramente estabelecido que dentro em quatro mezes deveriamos abalroar com yma suspensão de pagamentos.

As mercadorias em deposito chegavam apenas para representar a cifra do nosso alcance perante o banqueiro.

Liquido se ficava o valor do nosso material, para fazer face ao deficit que as entradas a realizar não cobririam.

Quanto ao capital numerario, isso era outra cousa; tinha saído do commercio,

pois quanto mais se fôr prolongando a vida d'aquellas senhoras, tanto mais serão precisos os soccorros.

Partida.—S. exc.^a revd.^{ma} o sr. arcebispo Primaz, partiu, no comboio da tarde de terça-feira, para Lisboa.

S. exc.^a demorar-se-ha em sua casa em Coimbra uns tres dias.

Boa lembrança.—O correspondente de Braga para o «Commercio Portuguez», apreciando o modo porque os diferentes jornaes d'esta cidade manifestaram a intensidade do seu sentimento pela morte de S. Santidade Pio IX, diz o seguinte a respeito do «Diario do Minho»:

... o «Diario do Minho» não pôde tirar á sua profundissima dôr mais do que estas notabilissimas palavras, que ficarão modelo eterno, dolorosa synthese, para expressão das mais lancinantes agonias. Diz elle assim em lettras gordas entaladas entre dois filetes largos e escuros:

«Está de crepes a Egreja Catholica. Falleceu S. S. o Papa Pio IX. Christãos oremos, por elle, a Deus».

Consorcio.—Celebrou-se na capella do Paço, em Victorino das Donas, o casamento do sr. dr. Antonio de Magalhães Barros d'Araujo Queiroz, distincto advogado e digno presidente da camara municipal de Ponte do Lima, com a sr.^a D. Maria José d'Abreu de Lima Pereira Coutinho.

Sociedades anonymas.—O projecto de lei das sociedades anonymas prescreve ás sociedades o credito de varias obrigações quanto á publicação de seus actos; obriga os estabelecimentos novos a procederem logo depois de constituídos, á eleição dos corpos gerentes; prohibe os empréstimos sobre as próprias acções dos bancos e dá ao governo o direito de fiscalização.

Profecia.—Em agosto de 1860 publicaram alguns jornaes a seguinte profecia, que segundo consta foi encontrada na Bibliotheca de Santo Agostinho em Roma:

«No 3.^o quartel do seculo 19 dar-se-hão tumultos em todas as partes da Europa e especialmente em França, na Helvecia, e em Italia; organizar-se-hão republicas, desaparecerão diversos monarchas e prelados, e os religiosos abandonarão os seus conventos; a fome, a peste e o terremoto destruirão muitas cidades. Roma abdicará o seu sceptro em presença dos ataques dos falsos philosophos. O Papa será captivo de seus subditos, e a Egreja de Deus, que será despojada dos seus bens temporaes, ver-se-ha na condição de tributaria. Pouco depois morrerá o Papa. Um monarcha do Norte com numeroso exercito percorrerá a Europa, destruirá as republicas e exterminará todos os rebeldes; a sua espada, movida por Deus, defenderá, efficazmente a Egreja de Jesus Christo; combaterá em favor da fé orthodoxa e atacará o imperio mahometano. Um signal celeste acompanhará o novo Pastor da Egreja, que terá boa alma e ensinará ao povo a doutrina de Jesus Christo, e restabelecer-se-ha a paz nas nações».

Guerra do Oriente.—Os ultimos telegrammas relativos á guerra do Oriente, são os que seguem:

Londres 9—Derby disse hontem que a Inglaterra não pediu ao sultão um novo firman para a entrada da esquadra ingleza nos Dardanellos, pois que considerava sufficiente o primeiro. Derby não crê que Inglaterra possa julgar-se entrada em qualquer acção militar pela simples presença da esquadra nos estreitos. Acrescentou que não julga terminada a crise, pois que considera difficil o accordo da Europa.

O «Morning-Post» exige energicamente que a Inglaterra se não apresente na conferencia sem ter garantias materiaes, porque de outra forma será burlada, e alvo de irrisão. Acrescenta que a occupação do mar Negro pela esquadra ingleza deve ser a condição absoluta para a Inglaterra tomar parte na conferencia.

S. Petersburgo 9—A agencia russa diz que a entrada da esquadra ingleza no Bosphoro, dá á Russia liberdade de acção. A Russia regulará as suas acções com a Inglaterra.

Paris 10—A Russia revogou o decreto que prohibia a exportação de cereaes.

A Turquia e a Russia não se oppoem á entrada de navios estrangeiros no Bosphoro.

Desmente-se o boato de que os couraçados francezes tenham recebido ordem de partir para Constantinopla.

Londres 10—O «Daily New» publica um despacho de Berlim dizendo que Gorts-

chkoff notificou as potencias que visto a Inglaterra enviar a esquadra ao Bosphoro, com o fim estensivo de proteger os christãos, a Russia tencionava occupar Constantinopla com o mesmo fim, do lado de terra. O «Standart» diz que foram hontem enviados ao mar Marmora mais navios russos para tripularem alguns navios turcos que devem ser entregues.

Constantinopla 10—A esquadra ingleza ainda não passou os Dardanellos. Os delegados de paz em Andrinopla são da parte dos turcos os pachás Lavfet e Namik, e da parte da Russia Ignatieff e Nelidoff. Não é exacto que os russos occupem Bontair. Os circassianos massacraram 13 aldeias gregas nos arredores de Constantinopla.

Paris 11—Confirma-se que a Russia declarou ás potencias que em vista da resolução da Inglaterra enviar a esquadra ao Bosphoro afim de proteger os christãos e a ténção de outras potencias seguirem o exemplo, tambem a Russia decidiu entrar em Constantinopla afim de proteger os christãos.

Londres 11—E' falso que a esquadra ingleza regressasse a Besika.

Deve reunir hoje o conselho de ministros.

O arsenal de Chatan recebeu ordem urgente do almirante afim de determinar que os operarios tenham trabalho supplementar para acabamento dos navios em construção.

Northcote disse na camara dos deputados que a esquadra ingleza recebera ordem de marchar para Constantinopla.

Athenas 11—O exercito foi mandado retirar afim de obter o apoio das potencias.

Londres 12—Os jornaes conservadores inglezes mostram-se muito bellicosos.

O «Times» diz que se deve perguntar se depois da declaração de Gortschkoff não foi transposto limite de interesse aos inglezes; em tal caso é indispensavel que a esquadra ingleza parta para Constantinopla.

Os despachos dos jornaes fazem prever a entrada dos russos em Constantinopla.

Crê-se que a Turquia admita d'aqui para o futuro que possam estacionar em Constantinopla dois navios de guerra de cada potencia.

Berlim 11—O imperador da Alemanha, recebendo a presidencia do Reichstag, disse que a situação é critica, mas que não se desespera de conseguir a paz.

Exposição de 1878.—Foram nomeados commissarios technicos, por parte de Portugal, para as secções, 5.^a, 6.^a, 7.^a, e 8.^a da Exposição Universal de Paris, o sr. João Ignacio Ferreira Lipa, e para as secções 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a da mesma exposição o sr. Antonio Augusto de Aguiar.

Foi nomeado secretario, junto do sr. visconde de Villa Maior, commissario regio por parte de Portugal na exposição Universal de Paris, o sr. Francisco Antonio de Vasconcellos.

O sr. Luiz Andrade Corvo foi nomeado para acompanhar e vigiar os productos coloniaes destinados a concorrer á Exposição de Paris; e o sr. João Folgado Moreno para fiel de todos os productos que Portugal envia á mesma Exposição.

Terrivel catastrophe.—Com este titulo, diz um periodico Estados-Unidos:

Uma ponte do caminho de ferro de Connecticut, sobre o rio Farmington, foi submergida ao passar um trem de passageiros por excessivo peso d'este e má construção d'aquelle. O trem levava 600 pessoas, das quaes morreram 14 instantaneamente, ficando 20 feridas de gravidade, e muitas mais levemente.

Portuguezes fallecidos.—De 16 a 22 de janeiro, falleceram no Rio de Janeiro os seguintes subditos portuguezes:

Luiz Emilio Bello, 60 a., c.; Francisco Merides Rodrigues, 66 a., s.; Maria Quiteria de Oliveira, 60 a., c.; Domingos José Jorge, 50 a., s.; Carlota da Silva Benta, 59 a., c.; João Fernandes, 23 a., s.; Maria Candida Luderia, 49 a., c.; Francisco Figueiredo Silveira, 55 a., c.; João Pereira de Sousa, 43 a., c.; Antonio Pereira Pollo, 53 a., c.; Cesar Augusto de Azevedo, 25 a., s.; Luiz Ribeiro, 50 a., s.; Antonio Nogueira Pinto, 64 a., v.; José Dias da Silva, 33 a., s.; Antonio da Silveira Avila, 48 a., c.; Manoel de Jesus Almeida, 48 a., c.; José Francisco Nogueira 25 a., s.; José Cardoso, 61 a., s.; Zeferino Moreira, 40 a., c.; Francisco Luciano de Medeiros 26 a., s.; Antonio Lachour, 56 a., v.; Caetano da Silva, 52 a., c.

Luiz Borges, 53 a., c.; Manoel Monteiro Machado, 50 a., c.; Alfredo Borges, 42 a., s.; Joaquim da Cunha Guimarães, 25 a., s.; Manoel da Costa Novaes, 12 a., s.; Maria do Carmo da Assumpção Machado 56 a., v.; Francisco Augusto de Barros, 13 a., s.; Francisco Machado, 18 a., s.; Antonio da Costa 25 a., s.; João Francisco da Silva, 20 a., s.; Antonio Pereira de Sousa, 46 a., s.; Manoel Rodrigues Vieira, 13 a., s.; Jesuino Fernandes da Cunha, 22 a., s.; Antonio Maria Alves Pacheco, 31 a., s.; Ricardo Augusto Guerra Velho, 14 a., s.; João da Costa Machado, 23 a., s.; Alexandre Ferreira de Lemos, 19 a., s.; Laura da Camara, 19 a., s.; Manoel José de Barcellos, 36 a., c.; João Fernandes de Sousa, 25 a., c.

Appelo á caridade.—Pedimos ás almas caridosas uma esmola para o pobre Antonio Joaquim da Motta, official de sapateiro, morador nas Carvalheiras, n.^o 22; acha-se no ultimo grau de pobreza, não podendo, pelo seu mau estado de saúde, ganhar meios para sua subsistencia, de sua mulher e filhos.

A' mesma.—Recommendamos á caridade publica, Antonio de Passos, morador na rua das Palhotas n.^o 57.

A's pessoas caritativas.—Na rua Direita, da freguezia de S. Pedro de Maximinos, n.^o 18, existe uma entrevadinha, de 16 annos de idade, e filha de paes extremamente pobres, que continuamente sofre dôres tão acervas, que só as almas bemfazejas lhe podem dar algum allivio, soccorrendo a com uma esmola pelo divino amor de Deus.

A's almas caridosas.—Recommendamos ás almas caridosas uma infeliz viuva, moradora na rua de S. Bernabé, n.^o 18, (solão). Tendo 80 annos d'edade, e porisso sem poder applicar-se a qualquer trabalho, luta com a miseria extrema.

CORRESPONDENCIA

Explicação ao publico

(Continuado do n.^o antecedente.)

Para esclarecimento dos leitores remontarei á origem d'esta questão.

Se nunca fiz bem, tambem nunca fiz mal ao sr. Mengo.

Que razão teve elle, pois, para tratar-me assim?

Só pelo facto de me bater não deu elle, sob nenhum ponto de vista, boa ideia de si; mas eu sou o primeiro a convencer-me de que me não bateu simplesmente para ter o gosto de dar o escandalo de bater n'um padre.

Allegou que o levava a isso a grande irritação em que o deixara a leitura d'um artigo que n'aquelle dia ou no antecedente fôra publicado na «Palavra», e no qual se criticava um livro que elle acabava de editar.

Nada direi sobre esse artigo; quem quizer ajuisar d'elle confronte-o com o livro, tendo tambem em vista que o exemplar mandado á redacção levava uma dedicatoria provocadora e insultante.

Eu, porém, não era o auctor do artigo. Mais ainda: nem sequer o tinha lido. De modo que, quando o sr. Mengo me bateu, tive de reflectir um pouco para atinar com a causa, ao menos provavel, de seu reprehensivel proceder.

Aquelle artigo era o segundo que já se publicava sobre o mesmo livro.

Eu não havia lido nem um nem outro.

Era director litterario do jornal, e não noticiaria como lá disseram no tribunal.

Estava determinado que eu visse todos ou quasi todos os originaes antes de passarem á typographia; mas quando se tratava de escriptos que eram entregues ou enviados por pessoas que me mereciam absoluta confiança, eram perfeitamente conbecedoras da indole do jornal, e tinham na casa grande auctoridade como bem conhecidos e assíduos collaboradores da folha; em tal caso forrava-me a esse trabalho, como desnecessario.

Foi exactamente o que succedeu com aquelles dous artigos, porque seus auctores estavam nas condições que acabo de indicar. Ainda mesmo que os houvera lido, tel-os-ia mandado publicar como estavam escriptos, sem fazer-lhes alteração

alguma. Corrigil-os ou alteral-os não cabia em meu arbitrio, dado mesmo que, quanto á forma, ou quanto á ideia, me não conformasse com todo o seu conteúdo. Seus auctores receberiam bem quaesquer observações minhas, mas estavam no direito de as não aceitar, pois eram pessoas de cujas lições e conselhos eu necessitava, mas que não precisavam dos meus.

Por outro lado, d'esses ou de quaesquer outros escriptos, não assignados por mim, não era perante a lei ou perante o publico minha a responsabilidade. Perante a junta consultiva e proprietaria do jornal, cujo primeiro empregado de confiança na parte litteraria era eu, tambem, pelas razões que ficam expostas, a responsabilidade, a havel-a, não era minha, mas de seus auctores.

Finalmente, havendo a cada passo sido publicadas na «Palavra» analyses ou juizos criticos de livros, ora favoraveis, ora desfavoraveis a seus respectivos auctores e editores, nem pelo pensamento me passava que um pequeno artigo d'esse genero que me traziam de fóra, e que eu, por saber quem o escrevera, mandava immediatamente, e sem lê-lo, para a typographia, me havia de ser attribuido e dar logar ao insulto que soffri.

Não escrevi, pois, o artigo de que se trata. Li-o só depois que o sr. Mengo me bateu; entendo não ter incorrido em falta alguma não o lendo antes.

Se o sr. Mengo se julgou offendido por esse artigo, e se, suspeitando que fôra eu o auctor d'elle, resolveu tirar da offensa desforço pessoal, salta aos olhos que antes de aventurar-se a passo tão grave, lhe corria a mais estreita obrigação de saber com certeza que eu escrevera esse artigo.

Tinha o sr. Mengo essa certeza? Não: não podia tel-a; e eu desafio-o desassombradamente a que prove o contrario.

Quem eram essas pessoas dignas de credito que affirmaram ao sr. Mengo haver eu escripto esse artigo? Pessoas de casa não podiam ser. Ainda mesmo que eu o houvera escripto, faço justiça e não favor a todos os empregados da casa em reputal-os incapazes de tal abuso de confiança. Não o havendo eu escripto, e sendo bem conhecidas de todos os typographos e dos demais empregados a minha letra e a do autographo do mesmo artigo, affirmo por maioria de razão que nenhum era capaz de commetter a perversidade de asseverar ao sr. Mengo que eu o escrevera.

Se não foi, pois, informado por pessoas de casa, muito menos o podiam informar pessoas de fóra.

O sr. Mengo, não tinha, por consequencia, a certeza de que eu fosse o auctor do artigo. Não tinha, nem podia ter ao menos uma presumpção bem fundada. Fundada em quê? Em eu ser redactor da «Palavra»? em eu ser padre, e padre dos que certa gente acioima de reaccionarios?

Honro-me muito de ter sido redactor da «Palavra» durante quatro annos; honro-me de ser padre, e de ser um dos chamados reaccionarios, porque sei bem o que este epitheto significa na bocca de quem o emprega.

Mas seria bem fundada a presumpção baseada em taes dados? Por certo que não. Isso só não bastaria nem para o mais apaixonado inimigo da «Palavra» e dos padres.

Sendo porém, certo, que o sr. Mengo não sabia que eu era o auctor do artigo, concedamos-lhe que por motivos, embora futeis mas que eu ignoro, presumia que o era.

Que devia fazer n'esse caso? Não devia, antes de bater-me, perguntar-me se eu era com effeito o auctor do artigo, e se tomava como tal a responsabilidade d'elle? Sim, devia; e tanto elle sabe que era esse o seu dever, que, para se lhe não levar em conta a circumstancia tão aggravante de o haver omitido, disse no tribunal, e com elle disseram e juraram suas testemunhas, que realmente me fizera essa pergunta, mostrando-me até o jornal aberto, e que, só depois de eu haver respondido inconveniencias ou insolencias, se não conteve que me não batesse.

Mas isso não foi assim, nem o sr. Mengo me fez pergunta alguma, nem eu respondi insolencias, que não sou capaz de as responder a ninguém.

O sr. Mengo não me dirigiu sequer uma palavra; dirigiu-me só murros até que eu me recolhi a uma loja.

Se o snr. Mengo me tivera perguntado se eu era o auctor do artigo, eu não lhe teria respondido insolencias, ter-lhe-ia dito que não era o auctor d'elle, que nem o havia lido ainda, e que ao mesmo tempo lhe affiançaria, mesmo sem consentimento do auctor, que se lhe dariam no jornal todas as satisfações que quizesse n'aquillo em que julgasse o mesmo artigo offensivo para a sua pessoa.

7 de fevereiro de 1878.

(Continúa)

Padre Manoel Joaquim de Mesquita Pi-mentel.

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Resumo do activo e passivo d'este Banco em 31 de Janeiro de 1878.

Activo	
Caixa	23:027\$874
Letras descontadas, tomadas e a receber	144:604\$461
Cartas de credito	500\$000
Empréstimos sob penhores	93:266\$080
Creditos caucionados em c/c	75:181\$377
Operações a longo prazo, com hypotheca	21:084\$330
Agencias no Reino e Ilhas	45:579\$019
Agencias no estrangeiro	3:053\$799
Devedores diversos	10:102\$131
Titulos de D.vida Publica	11:401\$420
Valores fluctuantes	81:012\$090
Efeitos depositados	25:370\$000
Installação	4:000\$000
Moveis e utensilios	1:413\$500
Gastos geraes e commissões	545\$206
Liquidações	1:196\$930
Ações recolhidas	200:000\$000

Passivo	
Capital	600:000\$000
Fundo de reserva	3:509\$127
Depositos a prazo	83:431\$041
Deposito á ordem	14:404\$175
Credores d'effeitos depositados	25:370\$000
Letras em deposito	1:312\$500
Letras por pagar	141\$500
Credores diversos	1:057\$853
Dividendos a pagar	10:832\$500
Lucros e perdas	1:262\$717

Braga 31 de Janeiro de 1878.

Os Directores,

José Antonio Rebello da Silva.
João da Costa Palmeira.

BANCO DA COVILHA.

Sociedade anonyma—Responsabilidade limitada

Capital 3.000:000\$000 reis

1.^a emissão—reis 750:000\$000 dividido em 7:500 ações de 100\$000 reis cada uma.

Balanco em 31 de Janeiro de 1878.

Activo	
Letras descontadas e a receber	350:253\$911
Empréstimos s. penhores.	163:210\$733
Contas corrent. com caução	295:209\$642
Efeitos depositados	12:000\$000
Papeis de credito	9:467\$800
Agencias no paiz	24:218\$183
Ditos no estrangeiro	14:802\$617
Diversos devedores	10:674\$107
Mobili e utensilios	1:840\$304
Despezas d'installação	2:525\$875
Caixa	30:530\$818
Contas interinas	13\$500
Valores em liquidação	6:335\$152

Passivo	
Capital	750:000\$000
Fundo de reserva	7:543\$745
Fundo para o edificio do Banco	1:500\$000
Depositos á ordem	17:373\$802
Ditos a prazo	89:195\$135
Dividendos a pagar	20:180\$500

Credores d'effeitos depositados	12:000\$000
Diversos credores	13:803\$670
Agentes no paiz	4:373\$157
Agentes no estrangeiro	692\$910
Ganhos e perdas	4:449\$707

921:112\$296

Covilhã 31 de Janeiro de 1878

Os Directores

J. d'A. Vaz de Carvalho.
J. T. M. Megne Restier.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial, Agrícola e Industrial de Villa Real, em 31 de janeiro de 1878.

Activo	
Caixa, dinheiro existente	11:463\$546
Letras descontadas	663:154\$224
Letras caucionadas	47:742\$000
Letras em liquidação	6:608\$472
Letras protestadas	4:215\$310
Obrigações a receber	2:437\$124
Empréstimos sobre penhores	4:095\$500
Operações a longo prazo	15:891\$982
Papeis de credito	15:570\$000
Contas correntes com garantia	7:775\$760
Agentes no paiz, dinheiro e letras a cobrar	71:845\$770
Agentes no estrangeiro	12:303\$240
Diversos devedores	8:142\$370
Moveis e utensilios	610\$100
Despezas de installação	1:600\$000

Passivo	
Capital do Banco	800:000\$000
Deposito á ordem	2:980\$718
Deposito a prazo	20:755\$834
Dividendos a pagar	25:683\$950
Fundo de reserva	9:420\$000
Quantia destinada para o imposto industrial	5:300\$000
Reserva para prejuizos eventuaes	4:000\$000
Ganhos e perdas	5:317\$196

Villa Real, 4 de fevereiro de 1878.

Os gerentes,

Francisco Ferreira da Costa Agarez.
Joaquim José d'Oliveira Guimarães.

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de saúde,

REVALESCIÈRE

DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

4 Combatendo as indigestões (dispepsia) gastrica, gastralgias, flegmas, arroios, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, náuseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarréa, desenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabethes, debilidades, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 85:000 curas, entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow e da ex.^a sr.^a marquez de Brehan, da sr.^a duqueza de Castleteward, do Lord Stuard de Decies, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, etc., etc.

Cura n.^o 48:614.—A sr.^a marquez de Brehan, de sete annos de doença do figado, d'estomago, emmagrecimento, palpitações nervosas em todo o corpo, agitação nervosa e tristeza mortal.

Cura n.^o 62:986.—M.^{te} Martin, de supressão da menstruação e dança de São Guido, declarada incuravel, perfeitamente curada pela Revalescière.

Cura n.^o 65:112.—E. Payard, de gastralgia e vomitos. Não podia sustentar-se de pé, nem dormir, tendo sempre a cavidade do estomago intumescida.

Cura n.^o 62:845.—M. Boillet, cura, de 36 annos de asthma com suffocações durante a noite.

Cura n.^o 70:421.—M. A. Spadaro, de uma constipação obstinada de nove annos. Era terrivel, e distinctos medicos tinham declarado que não havia meio de curar-a.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/2 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 rs; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400; e de 12 kilos, 12\$000 rs.

Os biscoitos da Revalescière que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a Revalescière chocolataada; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY & C.^a LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris. 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; snr. Serzedello & C.^a Largo do Corjo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32, Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Baoharia, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barcellos, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Vianna do Castelo, Afonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.

—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Rainha, 29 e 33.—Penaçel, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banha-ria, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desirê Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.^a, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Póvoa do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa de Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

AGRADECIMENTOS

João Maria Araujo Esmeriz, e sua mulher, Roza de Lima Araujo Esmeriz, agradecem em extremo a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua innocente filha Lucinda, e bem assim a todas as pessoas que a acompanharam, e assistiram ao responso de gloria que teve logar na noite de 9 do corrente no real templo de Santa Cruz, protestando a todas o seu indelevel reconhecimento. (756)

D. Thereza de Jesus Vieira Machado, achando-se quasi restabelecida, dos incommodos de sua saúde porque tem passado; Bem por este meio agradecer a todos os exc.^{mas} snrs. e exc.^{mas} snr.^{as} e mais pessoas, que tiveram o incommodo de por muitas vezes saber de suas melhoras, e a todos protesta seu vivo reconhecimento. (755)

José Narciso da Silva, morador na rua dos Pelames, e seus filhos, agradecem por esta fórma, a todas as pessoas que lhe prestaram serviços e os cumprimentaram por occasião do fallecimento e interro de sua sempre saudosa esposa e mãe. A todos protestam seu indelevel reconhecimento. (757)

ANNUNCIOS

MONTE-PIO DE S. JOSÉ.

O presidente e mais membros da Meza provisoria, elegida e auctorizada pela Assembleia Geral, de 10 do corrente, convidam todos os socios que estejam no gozo dos seus direitos a comparecerem nos baixos do edificio do lyceu, d'esta cidade, no dia 17 do corrente ás 9 horas da manhã, afim de se proceder á eleição definitiva, de harmonia com as disposições dos respectivos Estatutos.

O presidente—Antonio Domingues Alvim.

Vice-presidente—Antonio José da Silva Mello.

1.^o secretario—José Antonio Peixoto Braga.

2.^o secretario—Antonio Luiz Rodrigues. (750)

DECLARAÇÃO

Antonio Thomaz Lopes d'Azevedo Guimarães, tabellião na comarca de Villa Verde, tendo conhecimento do annuncio publicado no «Commercio do Minho» n.^o 745, em nome de D. Narcisa de Sousa Araujo Menezes, viuva, da cidade de Braga insinuando, que a escriptura feita na sua Nota aos vinte e seis de fevereiro de 1877, contém uma doação em favor de D. Thereza da Graça Domingues de Lima, solteira, de maior idade, da mesma cidade, em vez d'uma obrigação da quantia de 94\$800; protesta contra a falsidade de similhante materia, porisso que o acto foi expressado em harmonia com a formal vontade da annunciante. E como esta promette propor acção em juizo, aguarda o respondente essa acção, depois da qual, ou na falta da qual, usará dos meios que lhe competem contra similhante calumnia.

Villa Verde 6 de fevereiro de 1878.

Antonio Thomaz Lopes d'Azevedo Guimarães. (750)

VENDA DE PROPRIEDADES.

Quem quizer comprar os bens de José Martins de Carvalho, sitos na freguezia de Santa Eulalia d'Arnozo, pode comparecer nos domingos 17 e 24 do corrente por 2 horas da tarde.

Trata-se com o mesmo snr. (759)

DECLARAÇÃO

Thereza da Graça Domingues de Lima, moradora na rua de S. Vicente, afirma e declara ser falso e calumnioso o que nos jornaes d'esta cidade veio annunciar D. Narcisa da Sousa Araujo Menezes, como facilmente se provará no tribunal competente Previne pois o publico para suspender o seu juizo até que os tribunaes decidam da validade e legalidade do acto a que allude a dita senhora.

AGRADECIMENTO E DECLARAÇÃO.

Bernardo José de Faria, morador na rua do Conselheiro Januario d'esta cidade agradece por esta fórma, a todas as pessoas que, por occasião do incendio que soffreu na noite de 7 do corrente concorreram ao local do mesmo para o extinguirem e protestar a todas a sua indelevel gratidão.

Por tal occasião, devido ao susto em que se achava, queixou-se que lhe faltava uma certa quantia de dinheiro, cuja mais tarde encontrou guardado em uma gaveta do que, na occasião era impossivel lembrar-se. Faz pois esta declaração em abono da verdade. (753)

ARREMATACÃO.

No dia 24 do corrente, pelas 11 horas da manhã, no adro da igreja de S. Pedro de Maximinos, d'esta cidade, será arrematada a construcção da frontaria da dita Igreja, segundo o desenho, á vista na secretaria da junta de parochia, residencia parochial.

Braga, 9 de fevereiro de 1878.

O presidente da junta,

Manuel José d'Oliveira Guimarães. (754)

DECLARAÇÃO.

Antonio José Gonçalves Nogueira, declara, para todos os efeitos, que por escriptura publica feita em 24 de janeiro, na nota do tabellião Bastos, d'esta cidade, foi dissolvida a sociedade, que havia formado entre si, e os snrs. Joaquim Augusto de Carvalho e João Augusto d'Oliveira Braga, sob a firma de *Carvalhos & C.* da qual era primeiro socio capitalista, recebendo, e cada dos referidos snrs., o que lhe pertencia nos haveres da referida sociedade.

E declara mais, que continúa com o mesmo ramo de negocio, e com as mesmas garantias como até hoje, sob a sua unica responsabilidade e firma de seu nome, na sua casa da rua do Souto n.º 9.

Braga 9 de fevereiro de 1878.

(758)

Aos mestres sapateiros

No novo armazem de sola na rua dos Chãos n.º 13, encontra-se um variado sortimento de sola de todas as qualidades, grande sortido de attanados, bezerros francezes pretos e brancos, bernizes pretos, ditos da Russia, magiz, chagrins, pellicas, capas, camurças, pelles de côres, carneiras pretas e de côres, couros tamanca, elasticos de diversas côres e qualidades, linhol francez, ticom de côres, perzilhas, carros para machina, graixa e prego e cravo de diversas qualidades, e muitos outros generos proprios do dito estabelecimento, o que tudo vende por preços excessivamente baratos. (747)

ALVIÇARAS

Tendo-se desencaminhado em 2 do corrente mez, pelas 4 horas da tarde, uma egoa ao parcho da freguezia d'Armil, concelho de Fafe, a pessoa que da mesma possa dar relações concorrendo para que a dita egoa lhe seja entregue, será remunerado do seu trabalho.

Fafe, freguezia d'Armil, 7 de fevereiro de 1878.

O parcho,

(748) Raymundo de Barros Franco.

JOSÉ ANTONIO FERREIRA GOMES.

5, Rua Nova, 5

BRAGA

Com estabelecimento de pregagem de todas as qualidades, mercearia, papel e chá—cartonagem para desenho, floragem e aprestes para flores — stearina, pós finos para gomma, etc., etc.

N'este antigo e acreditado estabelecimento se encontra um completo sortimento de livros em branco, proprios para escriptura mercantil, bem como papeis e artigos para escriptorio. Também se encontra um sortido de chá hyson desde 800 a 1\$400 rs. 459 gram., e muitos outros artigos proprios de seu negocio que tudo vende por preços commodos. (725)

BANCO COMMERCIAL DE BRAGA.

São convidados os snrs. accionistas do Banco Commercial de Braga a fim de no dia 11 de março proximo, pelas 11 e meia horas da manhã, reunidos em assembleia geral extraordinaria na casa do mesmo Banco, procederem ás eleições de 2 secretarios, 1 director, 3 supplentes, e 1 membro do Conselho Fiscal, visto acharem-se vagos estes cargos em virtude das recusas apresentadas.

Braga 1 de fevereiro de 1878.

No impedimento do presidente

O vice-presidente

Antonio Brandão Pereira.

Banco Mercantil de Braga

Desde o dia 6 de fevereiro por diante está aberto o pagamento do 2.º semestre de 1877, á razão de 2 1/2 p. c. ou 1\$250 por acção na thesouraria d'este Banco, em todos os dias desde as 10 horas da manhã até á uma da tarde, e no Porto na sua agencia na Praça de D. Pedro.

Solicitador—A. Lopes da Gama

Escriptorio—Taypas n.º 5 — Porto (613)

MALA REAL INGLEZA

GRANDE REDUÇÃO DE PREÇOS NA 3.ª CLASSE.

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres Aceitando tambem passageiros de 3.ª classe pelo mesmo preço que para o Rio de Janeiro para SANTOS, PARANAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do littoral e interior do Brasil, ao sul de Pernambuco, com trasbordo no Rio de Janeiro e incluindo hospedaria e sustento gratuito durante a demora precisa para obter trasbordo.

Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 1 de Março.

Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme C. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas.

Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende papeis pintados para guarnecer sallas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

RIBEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

APPROVADO PELA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Rua de S. Marcos n.º 19.

BRAGA.

Faz tudo quanto diz respeito á sua arte e continúa operando gratis, pobres e soldados. (688)

J. M. PINHEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

DA

Escola Americana

Consultorio a toda a hora, tanto de dia como de noite. Rua do Campo (antiga Porta de S. Francisco) n.º 22. (687)

MULTA ATENÇÃO

No Deposito de Vinhos do Douro — rua de S. Marcos n.º 15 — ha as seguintes qualidades de vinhos:

Palhete. — Meza n.º 1. Estes vinhos tem augmento de 10 reis e garrafa.

Sem augmento de preço: — F. n.º 1; F. n.º 2; F. n.º 3; F. n.º 5. — V. n.º 1; V. n.º 2; V. n.º 3; V. n.º 4 — Bastardo de 1863 — Vinho branco n.º 1; — Vinho branco n.º 2. Vinho branco de 1863. — Moscatel n.º 1; Moscatel n.º 2; Moscatel secco — Malvasia adamada n.º 2 — Malvasia secca. — Geropiga loira; Geropiga branca. — Lagrima branca n.º 1; Lagrima loira.

ESPECIALIDADES

Vinho de 1840 — Alvaralhão de 1840 — Roncão de 1820 — Lacrima-christi.

Vinhos de diferentes procedencias: Collares; Madeira, de diversos preços e muito baratos; Xerez; Moscatel de Setubal; vinho de Valdepena; Bordenes; Champagne.

NO MESMO ESTABELECIMENTO HA:

Doce de toda a qualidade de fructa, tanto em secco como em calda; licores francezes; massas para sopa; farinha de diversos legumes; conservas; mostarda; peixe d'escabeche; sardinhas de Nantes; ostras frescas em latas; amendoas de diversas qualidades, com caixas de cartão muito bonitas para as mesmas; chocolate hispanhol; chá Hysson e preto; bolacha ingleza de diversas qualidades; biscoito vallongense, o melhor que se fabrica; queijo londrino, papel, flamengo e suico. E muitas outras coisas proprias para o Natal.

NO MESMO ESTABELECIMENTO

Ha um excellente restaurante, e se apromptam consoadas de qualquer comida, tanto em carne, como em doce. — Tem sempre fiambre, e aos domingos fazem-se alli pastelinhos de massa á franceza, tanto de carne como de diversos doces — Morcellas de lombo de porco e de doce: apromptando-se tambem caixas enfeitadas.

15 — RUA DE S. MARCOS — 15 (643)

ASSUMPÇÃO.

Rua dos Capellistas, 13

Defronte da Alfandega.

Tem no seu estabelecimento os seguintes objectos abaixo exarados pelo menos preço possivel, a saber: chitas largas bem sortidas, finas em côr, e bom panno, a 80, 90, 100 e 110 o covado; ha linda lençaria de seda e setim, tanto para senhora, como outros proprios para assoar; guardasoes de seda; para homem e senhora; castiças de metal, e vidro; jarras de porcelana; agoas de colonia; collarinhos e punhos para homem; madapolões; meirinhos brancos; pannos crus; lenços de cambraeta de linho para bolso; jarras prateadas, em diferentes tamanhos; adereços e brincos; sapatos de borracha, pellica; trança, orello; gravatas de seda, ou gorgorão, largas, para homem, modernas; lençaria de côres em algação, cassa, sarja, metim, e d'outras qualidades; lanetas de grau e oculos; sabonetes sortidos; livros de missa; peitos de bertanha de linho; colchões brancos, para cama; pós d'arroz em caixinhas de vidro.

N'este estabelecimento ha um sortido completo de tudo e barato. (606)

DINHEIRO A JURO.

A Irmandade de Santa Maria Magdalena, da Falperra, tem para dar a juro 1:350\$000 reis.

Braga 2 de fevereiro de 1878. O secretario—Padre Luiz Gomes da Silva. (735)

CAIXA PARA AZEITE

No largo de S. Miguel-O-Anjo, n.º 14, ha para vender uma caixa em muito bom estado que leva cinco pipas, e toda forrada de castanho. (700)

PILULAS DO DUBAUD

Empregadas com o mais grão successo, depois mais de 40 annos por a maior parte dos medicos por curar a *chlorosis* (fluor branco), doença das mancebas filhas e todas as molestias chloróticas. Eis aqui a opinião dos mais eminentes medicos que as tem experimentado:

«Depois 35 annos que exerce a medicina, tenho reconhecido a este medicamento (Pilhas de Bland) vantagens incontestáveis sobre todos os outros ferros e eu o uso como o melhor anti-chlorótico.» Dr. DOUBLE, ex-presidente da Academia de Medicina.

«De todas as preparações ferreas que nos hão dado bons resultados no tratamento das affeições chloróticas, as pilhas de Bland parece-nos devem estar na primeira fila.» — *Dictionnaire de Medicina*, t. II, page 99.

Como prova da authenticidade, o nome do inventor está gravado sobre cada pilula como aqui junto.

Depositos: Paris, 8, r. Payenne.

Em Lisboa, snr. Barreto, Lorêto n.º 28—30 (27*)

SALLA E LOJA.

Aluga-se junto ou em separado na rua do Souto.

O pretendente falle na mesma rua e vestimentaria Rocha. (739)

DINHEIRO A JURO

A Confraria de Santo Amaro da Sé tem dinheiro para dar a 5 0/0 sobre hypotheca. (706)

CONTRA TOSSES.

Os *Rebuçados mytilicos*, de natureza balsamica, calmante, peitoral e expectorante, são o melhor dos remedios até hoje conhecidos nas doenças tossicolosas.

Caixa 200 reis.—Meia caixa 100 reis. Unico deposito: PHARMACIA CENTRAL, rua de Santo Antonio, 227, no Porto.

Em Braga: PHARMACIA DOS ORPHÃOS, praça Municipal. (621)

Quem quizer arrendar a casa n.º 7, no campo das Carvalheiras, falle com Joaquim Antunes Alves, na rua do Campo, d'esta cidade, que está auctorisado para este fim. (713)

RAPAZ.

Necessita-se d'um n'esta cidade para loja de DROGAS E PHARMACIA.

Falla-se no escriptorio d'este jornal (741)

BREVE COMPENDIO

DE

ORAÇÕES E DEVOÇÕES

ADOPTADAS PELOS MISSIONARIOS

QUARTA EDIÇÃO

Novamente correcta e muito augmentada com novas orações e devoções indulgenciadas, e concedidas posteriormente á ultima Raccolta.

Com approvação de S. Exc.ª Rev.ª o Snr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, Arcebispo Primaz.

Vende-se em Braga, na rua Nova n.º 3 E, e nas principaes livrarias; e no Porto na Livraria Catholica, Praça de D. Pedro, e na Portuense de Manuel Malheiro, rua do Almada.

Preço em brochura . . . 160 reis
» encadernado . . . 240 »

RAPHAEL

OU O

Menino devoto e instruido

Collecção de orações e meditações, com um dialogo entre um sacerdote e aquelle menino; extractos das obras de varios auctores sabios e piedosos.

COORDENADOS PELO

PADRE J. J. C. DE SEQUEIRA

Acha-se á venda unicamente no escriptorio da «Palavra», Cima de Villa n.º 25. Preço, 120 reis—pelo correio, 140.—Encadernado, 220—pelo correio, 240 rs. E' pago adiantado.

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1878.